



5º ENCONTRO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA PAN-AMAZÔNIA E CARIBE - EPPAC 2019

Grupo de Pesquisa Questão Social e Serviço Social - Diretório do CNPQ - Universidade Federal do Amazonas
Certificado pela Instituição desde 2003. Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais - IFCHS. Departamento de Serviço Social –Universidade Federal do Amazonas – JFAM

TEMA: UNIVERSIDADE E FORMAÇÃO EM ÉPOCA DE MIGRAÇÕES E INTENSOS DESLOCAMENTOS: A PARTIR DA PAN-AMAZÔNIA E CARIBE DO SÉCULO XXI

A PRESENÇA DOS IMIGRANTES NA ESCOLA NA FRONTEIRA: UM DIÁLOGO SOBRE A DIVERSIDADE E A IDENTIDADE CULTURAL DE DISCENTES NA FRONTEIRA BRASIL-PERU

Samara Bermeguy Porto Rodrigues¹
Selomi Bermeguy Porto²
Antônia Rodrigues da Silva³

RESUMO: O objetivo deste artigo é refletir sobre a diversidade e identidade cultural de discentes na fronteira Brasil-Peru. Sobre este prisma, cumpre registrar que o ambiente escolar é um lugar privilegiado para se refletir a diversidade. Em se tratando da metodologia, utilizou-se pesquisa bibliográfica e de campo, com questionários aplicados a 60 alunos de uma escola e observações participantes. Os dados revelam que o espaço fronteiriço abarca uma multi diversidade influenciada pela interação da área de fronteira entre Brasil, Peru e Colômbia, somado ao grande quantitativo de etnias indígenas o que contribui para a diversidade e identidade cultural desses alunos.

Palavras chave: Fronteira; Diversidade; Identidade.

RESUMEN: El propósito de este documento es reflexionar sobre la diversidad e identidad cultural de los estudiantes en la frontera entre Brasil y Perú. En este sentido, debe tenerse en cuenta que el entorno escolar es un lugar privilegiado para reflejar la diversidad. Con respecto a la metodología, utilizamos investigación bibliográfica y de campo, con cuestionarios aplicados a 60 estudiantes de una escuela y observaciones participantes. Los datos revelan que el espacio fronterizo abarca una diversidad múltiple influenciada por la interacción del área fronteriza entre Brasil, Perú y Colombia, sumado a la gran cantidad de grupos étnicos indígenas, lo que contribuye a la diversidad e identidad cultural de estos estudiantes.

Palabras llave: frontera; Diversidad; Identidad

¹ Professora da Universidade Federal do Amazonas - UFAM, Campus Benjamin Constant. Email: s.bermeguy86@hotmail.com

² Professor do Instituto Federal do Amazonas – IFAM, Campus Tabatinga. E-mail: selomi_adm@hotmail.com

³ Professora da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Campus Benjamin Constant. E-mail: toniabcam@yahoo.com.br

1 INTRODUÇÃO

O artigo aqui apresentado tem como objetivo refletir sobre a diversidade e identidade cultural de discentes na fronteira Brasil-Peru. Para alcançar o objetivo proposto, a pesquisa contou com método de abordagem de natureza fenomenológica, também privilegiou a pesquisa bibliográfica, bem como a observação participante e, questionários que contou com a participação de 60 discentes 5º ano do Ensino Fundamental do turno matutino de uma escola municipal de Benjamin Constant.

O município, que fica em espaço fronteiriço, possui características complexas e dinâmicas principalmente pela presença marcante e numerosa do povo peruano, que tem seus comércios e residências expandidos nos bairros, com concentração maior no centro da cidade. Além do povo peruano também temos no município a presença de colombianos em proporção menor, mas que também movimentam comércios e possuem residências neste local. No entanto, as culturas presentes nesta esfera não se limitam a esses dois grupos, pois é inevitável esquecer-se dos grupos indígenas e não indígenas que compõem a população de Benjamin Constant.

É oportuno reconhecer, nesse sentido, que o Município de Benjamin Constant possui uma bagagem cultural bastante diversificada, devido a sua localização e conseqüentemente pelo diálogo e intercâmbios das culturas.

Nesse sentido, o ambiente escolar é um lugar privilegiado para se pensar a diversidade. Essa diversidade refletida nos aspectos socioculturais fica em evidência no ambiente escolar de escolas situadas em espaço fronteiriço.

2. A FRONTEIRA NÃO LIMITA OS IMIGRANTES DO ACESSO A EDUCAÇÃO

O Município de Benjamin Constant localizado no Alto Solimões, distante da Capital Manaus, em linha reta, 1.120 km, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) 2018 possui uma população de 42.020 habitantes.

58 escolas municipais sendo 8 na zona urbana e 50 na zona rural, onde 26 são escolas indígenas e 24 não indígenas. A rede de ensino municipal atende neste ano de 2019 10.104 alunos sendo importante frisar que 4.043 são alunos indígenas.

Cumpra registrar que, estatisticamente não temos o quantitativo exato dos alunos que são imigrantes dos países vizinhos e que estudam nas escolas do município e o resultado da pesquisa confirma esses dados.

O que é notável neste cenário é que a fronteira não impede o acesso dos imigrantes nas escolas, isso gerar forte impacto no currículo, na prática pedagógica pela presença da diversidade cultural, no entanto como Silva (2010. p. 213). Argumenta,

As fronteiras representam muito mais do que uma mera divisão e unificação dos pontos diversos; vão além do limite geográfico; é um campo de diversidades. É o encontro com o “diferente” físico e social. E é nesse espaço que as relações se formam e se deformam; completam-se e dão forma à diversidade, à cultura. Por meio das amizades formam-se famílias, amigos e irmãos.

É por meio dessa fronteira que as escolas tomam características únicas e diversificadas pela inclusão e socialização das culturas presentes. O reconhecimento da complexidade que envolve a diversidade é apontado como um paradigma emergente da escola. Reconhecer e se instrumentalizar com profissionais preparados para tal demanda, colabora para o rompimento de preconceito e discriminação que por muito tempo tem causado dores e silenciosos constrangimentos.

Quando o processo educativo é consciente da diversidade cultural, da diferença que se afirmam nas escolas, o resultado é o combate a toda e qualquer forma de preconceito e discriminação seja racial, social cultural ou religiosa.

3. DIVERSIDADES E IDENTIDADE: A PRESENÇA DOS IMIGRANTES NA ESCOLA

Como afirma Clanlini (2008, p.131), hoje a identidade mesmo em amplos setores populares, é poliglota, multiétnica, migrante, feita com elementos de várias culturas. A luz das ideias deste teórico apresenta-se dados sobre a identidade cultural dos estudantes.

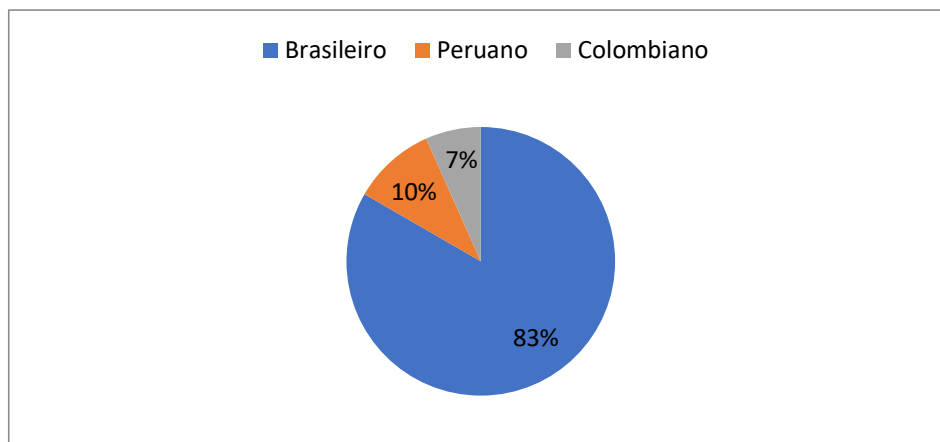


Figura 1: A nacionalidade dos estudantes
 Fonte: PORTO, Samara Bermeguy. 2016.

No que tange a questão da nacionalidade o gráfico acima mostra a predominância da nacionalidade brasileira. Contudo, devemos observar que existe uma porcentagem representativa de outras nacionalidades. Isto ocorre porque a pesquisa foi realizada no espaço fronteiriço e nesse espaço de fronteira essa variedade é claramente possível ver na sala de aula. Dois fatores importante de ser relatado é que no espaço fronteiriço existe a migração de colombianos e peruanos para o território brasileiro isso acontece com facilidade e sem nenhum obstáculo já que não existe rígida fiscalização sobre isto. Outro fator que influência este cenário é o casamento entre pessoas de diferentes países e culturas resultando assim para muitos sujeitos a opção de possuir dupla nacionalidades.

Com relação ao gráfico abaixo, este dado, nos revela que ainda há uma resistência dos indígenas em determinado contexto de se reconhecer como índios. Por traz desta atividade pode existir uma maneira de defesa com relação ao preconceito.

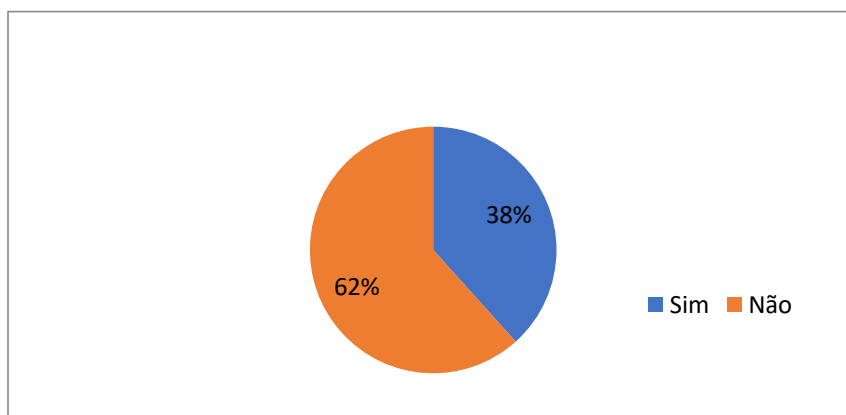


Figura 2: Percentagem de alunos com parentesco indígena
 Fonte: PORTO, Samara Bermeguy. 2016.

Apesar de favoráveis relacionamentos nos espaços de fronteiras, trocas e intercâmbios entre as culturas, os diálogos deveriam reforçar o respeito às diferenças e consequentemente a expressão da diversidade de identidades.

Sobretudo o que vemos é a forte discriminação na fala dos sujeitos desse espaço. Esquecem que fazem parte e que participam dessas culturas criando e socializando um elo de expressões simbólicas, culturais e sociais.

Todos nós, toda cultura, participamos de outras culturas inexoravelmente, porque as fronteiras de cada uma delas não são barreiras intransponíveis nem muito bem delimitadas. Somos necessariamente seres interculturais ou mestiços; inevitavelmente heterogêneos em grau diverso, porque cada um de nós leva essa condição adquirida no processo de socialização. (SACRISTÁN, 2002, p.85)

Quando olhamos para o processo de socialização que resulta das relações, não só de culturas diferentes mais no seio da mesma cultura, chegamos a nos surpreender com a diversidade sociocultural.

Os gráficos abaixo mostra o grau de parentescos dos alunos pesquisados com indígenas.

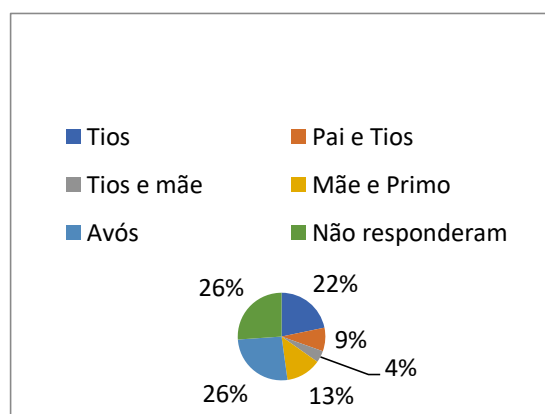


Figura 3: Tipos de parentesco indígena
 Fonte: PORTO, Samara Bermeguy. 2016.

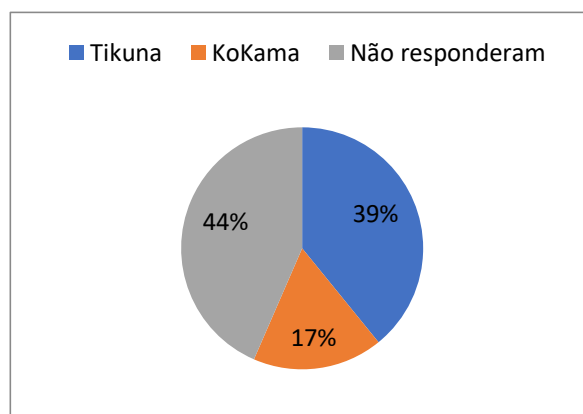


Figura 4: Etnia dos estudantes
 Fonte: PORTO, Samara Bermeguy. 2016.

Ao observar o gráfico acima é possível perceber que o grau de parentescos dos alunos com indígenas configura-se principalmente com de parentes de primeiro grau, sendo que se somarmos os percentuais 26% avós, 13% mãe e primo, 9% pai e tio, totaliza um percentual de 48% dos alunos que possuem herança sanguínea de indígenas. Ainda é possível apontar que 26% dos alunos acabam tendo parentescos com indígenas devido às relações conjugais entre seus tios sanguíneos e seus respectivos companheiros (as). Vale ressaltar que 44% não responderam a que etnia pertenciam, por outro lado 39% alegaram terem parentes de etnias tikuna e 17% kokama, uma vez que estas são as etnias mais comuns e populosa na região.

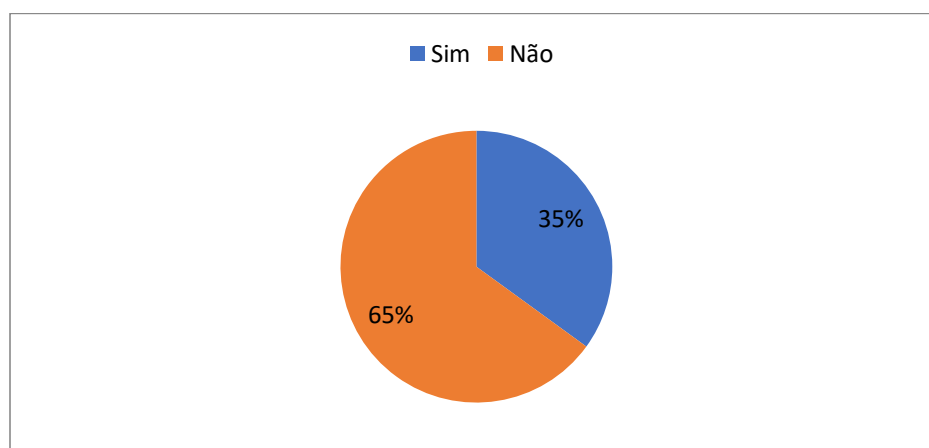


Figura 5: Percentual de parentes estrangeiros
Fonte: PORTO, Samara Bermeguy. 2016.

Conforme gráfico acima 65% dos alunos não possuem parentes estrangeiros em detrimento de 35% que declaram possuir parentes estrangeiros. Sabe-se que é comum em regiões fronteiriça as relações entre pessoas de nacionalidades diferentes resultando inclusive em constituição de família. Numa região fronteiriça que envolve três países, como é o caso estudado, estas relações tornam-se mais comuns uma vez que as pessoas possuem livres acessos entre as cidades fronteiriças. Vale ressaltar que muitos estrangeiros buscam relações conjugais com brasileiros justamente como meio para conseguir sua nacionalidade no país.

Os gráficos abaixo mostram os tipos de parentescos que tais alunos possuem com os estrangeiros, assim como a origem dos mesmos.

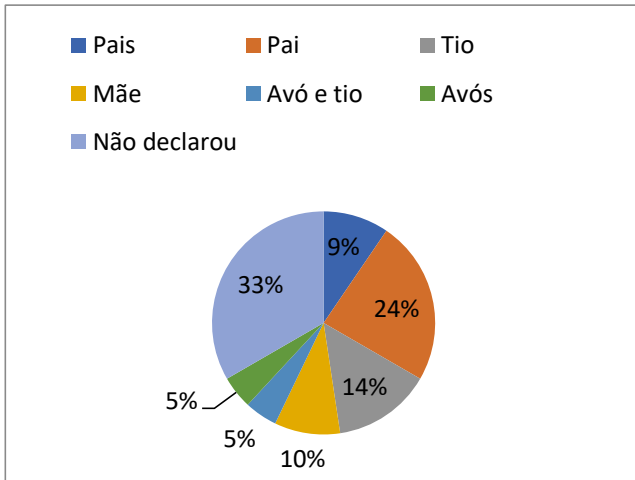


Figura 6: Grau de parentes estrangeiros
 Fonte: PORTO, Samara Bermeguy. 2016.

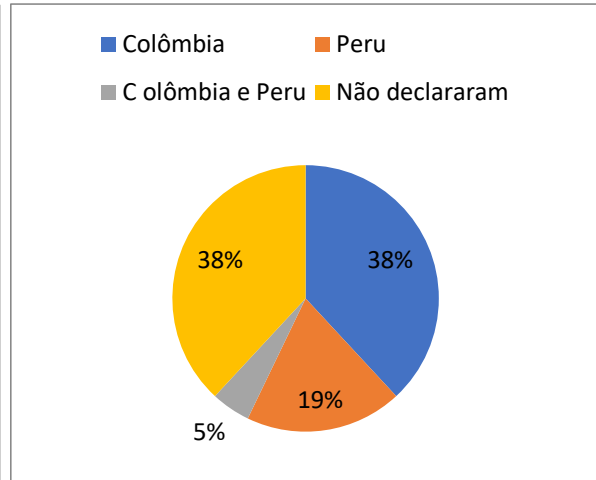


Figura 7: Países de origem
 Fonte: PORTO, Samara Bermeguy. 2016.

Conforme apresentado no gráfico acima, 33% dos entrevistados não responderam o tipo de parentesco que possuem com os estrangeiros, semelhante o percentual de 38% que não responderam a nacionalidade de seus parentes.

Em âmbito geral, conforme os dados observa-se que os entrevistados possuem parentescos de primeiro, segundo e terceiro grau com estrangeiro (pais 9%, pai 24%, tio 14%, mãe 10%, avó e tio 5%, avós 5%). Ainda é possível observar que 38% dos parentes são colombianos, 19% peruanos e 5% colombianos e peruanos.

Sob este aspecto vale ressaltar que provavelmente os alunos que não declararam a origem da nacionalidade de seus parentes sejam peruanos, pois conforme mencionado anteriormente existe um preconceito muito grande sofrido pelos peruanos o que inibe que muitos se identifiquem como tal, quando se declaram estrangeiros preferem identifica-se como colombianos.

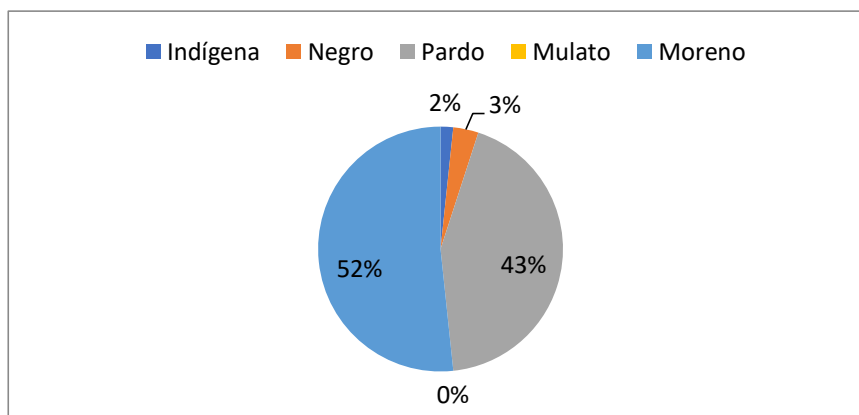


Figura 8: Autodeclaração étnica.
 Fonte: PORTO, Samara Bermeguy. 2016.

No que concerne à declaração conforme mostra o gráfico acima, pode-se dizer que existe predominância de morenos e pardos nesse contexto, cenário este que representa e é justificável pela miscigenação do povo brasileiro. O que chama a atenção é que apesar do número expressivo de sujeitos participantes que afirmaram possuir parentes indígenas tais com pai, mãe e outros como mostra o gráfico 3, aqui apenas 2% consideram-se indígenas.

Paralelo a isso, pode-se supor que este fato está intimamente ligado à discriminação que ainda pendura nas classes sociais inclusive dentro das escolas. Como foi observado ao longo da pesquisa, crianças indígenas sofrem preconceito constante na sala de aula.

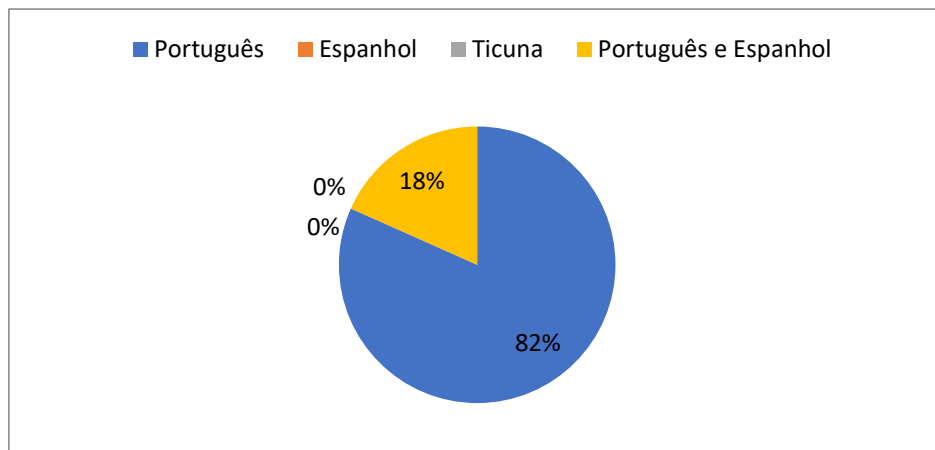


Figura 09: Línguas faladas
Fonte: PORTO, Samara Bermeguy. 2016.

De acordo com os dados do gráfico acima a língua falada pelos alunos é o português correspondendo a 82% das respostas, por outro lado 18% dos entrevistados alegaram que falam português e espanhol. Embora os gráficos anteriores apontem que parcela significativa dos alunos possuem parentescos com indígenas (38%) e estrangeiros (35%) (ver gráficos 03 e 06), pode-se observar que estes não adotaram a influência da língua de seus parentes. Sabe-se que a língua é algo que identifica um povo, neste caso, muitos que possuem origens indígenas e estrangeiros,

principalmente peruanos, buscam evitar a fluência da língua como forma de não serem identificados pertencentes a tais povos, isso se dá devido o preconceito existente, inclusive na sala de aula.

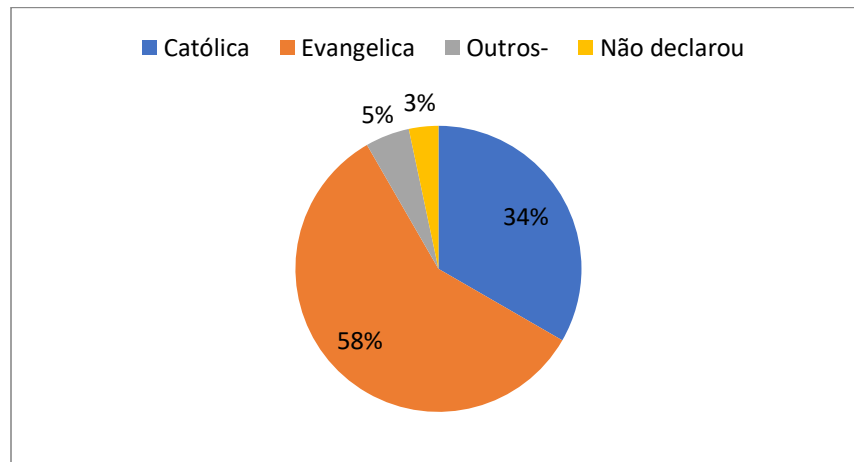


Figura 10: Religião
Fonte: PORTO, Samara Bermeguy. 2016.

Observa-se com esses dados a diversidade de religião neste espaço fronteiriço. Isso pode ser resultado da influência de diferentes culturas neste espaço e de uma modificação de paradigmas na sociedade mundial no que toca ao respeito às diferenças e o reconhecimento do denominado “Outro”. No tocante à religião percebermos que 58% dizem ser evangélicos em contra partida 34% afirmam ser católico. Um dado importante refere-se à porcentagem dos católicos que como bem sabemos é uma religião que sempre predominou, mas que agora perde seus adeptos para outras religiões evangélicas.

Convém salientar que a religião é um fenômeno de intensa importância para a vida dos seres humanos e se manifesta através de diferentes formas, e caracteriza-se como um forte elemento cultural.

No artigo 5º, inciso VI, atual Carta Magna, declara-se ser “inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida na forma da lei, proteção aos locais de culto e suas liturgias”. Tal artigo mostra-se de alta relevância e foi um dos modos de consagração dentro da Constituição Brasileira do respeito aos valores individuais de cada cidadão.

2. NOTA CONCLUSIVA

No ambiente escolar pesquisado existe uma multiplicidade de culturas expressa nas diferentes nacionalidade e língua, etnia, raça, religião presentes na vivência desses alunos e que influenciam na sua identidade cultural.

Neste aspecto a prática pedagógica na diversidade deve partir do pressuposto de reconhecer que os sujeitos possuem suas singularidades, mas também suas semelhanças que os unem a sociedade. Concernente com isso que a educação não pode e não deve de maneira alguma ignorar esta realidade nas esferas educacionais brasileira. Todavia, diante do cenário que vivemos ainda é notável que temos muita luta pela frente.

Apesar dessa situação de resistência nas esferas de concepção conservadora, podemos com base nos teóricos, ratificar que a educação é o caminho para combater toda e qualquer forma de discriminação ou exclusão, por isso, o trabalho deve se intensificar no contexto educacional e o mais interessante é que em outras esferas de cunho educacional as discussões sinalizam a preocupação por práticas educativas pautadas na educação que reconhece e valoriza a diversidade e respeite a identidade cultural.

Por isso, os educadores precisam refletir sobre o papel da educação para assegurar que as diferenças sociais, culturais, étnicas, religiosas e individuais não se transformem em desigualdades educacionais. Essa pedagogia atua na direção de educar com bases em elementos transformadores dos que se escondem ou se acham incapazes de superar suas dificuldades cognitivas e intelectuais. É sobre este aspecto que é válido frisar a importante das práticas pedagógicas inclusivas, pois, cabe aos educadores desenvolverem práticas educativas que respeite e valorize a diversidade.

REFERÊNCIAS

CLACLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização 7 ed. Rio de Janeiro: editora UFRJ. 2008.

SACRISTÁN, Gimeno. J. **Educar e Conviver na Cultura Global**: As exigências da cidadania. Porto Alegre, Artmed. 2002.

SILVA, Zenete Ruiz da. Educação e intercultura para além da fronteira. Disponível em <<http://www.upf.br/seer/index.php/rep/article/viewFile/2052/1282>> acesso em 23 de Novembro de 2016.